

LINGÜÍSTICA E CIÊNCIA DA TRADUÇÃO — EXISTE ALGUMA RELAÇÃO?

Ina Emmel
UFSC

Introdução

PARTINDO DO PRESSUPOSTO DE QUE A TRADUÇÃO é uma atividade lingüística em sua essência e apesar de que, antes da década 80, só raramente se fazia alguma conexão entre essas áreas, pretendo levantar aqui exatamente a questão da relação entre a Lingüística em si e a Tradutologia, ou Ciência da Tradução como prefere a maioria. Acho interessante levantar o que dizem os pesquisadores sobre a questão da abrangência de ambos os campos, ou melhor, se é pertinente considerá-los campos separados conceptualmente de modo a pretenderem afirmar-se individualmente.

Farei aqui primeiro um pequeno apanhado histórico com o intuito de verificar possíveis tendências comuns das respectivas áreas e as implicações decorrentes disso.

Em seguida faço uma reflexão sobre a utilidade da pesquisa na área da Ciência da Tradução como ciência autônoma, uma reflexão direcionada para a tradução de textos técnicos, o que, para muitos no passado e para alguns reticentes ainda na atualidade, cai fora do escopo das assim chamadas “traduções por excelência”, e para os quais, um simples dicionário bilingüe, um conhecimento gramatical mínimo e o domínio das duas línguas envolvidas já se constitui em solução para o problema.

Questiono ainda de que modo a Lingüística como ciência pode

efetivamente ajudar a resolver os problemas da tradução, embora ultimamente já se observa que o interesse no texto, a semântica, a teoria da comunicação e a sociolinguística estão tendo importantes implicações na Tradutologia ou, pelo menos, no processo tradutório, algo que pretendo também demonstrar aqui.

Concluo o trabalho tentando reunir os aspectos levantados, dando um enfoque à real competência linguística humana, da qual, evidentemente, faz parte a tradução.

1. Histórico

Até bem pouco tempo a preocupação primordial dos tradutores se restringia a discutir se a tradução era uma ciência ou uma arte, se as traduções eram para ser “livres” ou “literais”, ou se ela, afinal, era de todo possível. Raras são as referências ao que poderia constituir uma contribuição da Linguística à tradução.

Como sabemos, existe uma grande discussão no âmbito de cada ciência, no intuito de impor-se como tal, sobre o seu respectivo objeto de estudo. Muitas vezes, embora nem sempre expressamente declarado, os representantes de uma certa área discriminam os representantes de outras áreas, pelo simples fato de considerarem a sua área mais relevante que a do outro. Isso foi por muito tempo também o peso carregado pela Linguística dentro das Ciências Humanas. Saussure teve basicamente esta preocupação, ou seja, a determinação da natureza de seu objeto de estudo, para então ter argumentos suficientes e convincentes para justificar e explorar a Linguística como ciência autônoma.

Uma vez aceito o fato de a Linguística constituir-se como ciência, a mesma, grosso modo, apresenta-se em duas linhas distintas - a formal e a funcional. Embora, segundo Wolfgang Klein (1992, p.105), essas linhas sejam bastante difundidas, nem sempre seus representantes respondem exatamente pelo que elas pregam. E aqui repete-se o fenômeno já citado, ou seja, tanto os formalistas quanto os funcionalistas consideram o seu status científico superior ao das

chamadas “aplicações” dessa ciência, a citar o ensino de línguas e a tradução, por exemplo. Klein (p.104) pergunta então o que resta àqueles que se interessam exatamente pelas (Linguísticas) aplicadas e que também desejam dar aos seus estudos o “glamour” de uma ciência. E ele responde: ou eles pedem emprestado o brilho da Linguística enquanto assumem dessa “ciência reputada” os métodos e conceitos, talvez também somente a terminologia, ou eles se emancipam e “fundam” uma nova ciência, tal qual a Pesquisa de Ensino de Línguas ou a Ciência da Tradução.

Yishai Tobin (1998, p.449) diz que no primeiro caso, ou seja, ao assumirem os paradigmas estabelecidos pela Linguística, os estudantes da Ciência da Tradução (“Translation Theory”, em suas palavras) permitem-se fazê-lo voluntariamente e, em alguns casos, inclusive cegamente. Ele cita como exemplo dessa resignação o fato de as pessoas que foram “treinadas” dentro da Gramática tradicional, como a maioria de nós realmente o foi, terem aceito, quase sem questionamento, as categorias linguísticas baseadas na sentença como única forma de se estudar linguagem (as noções de “sujeito” x “predicado”, “direto” x “indireto”, “ativo” x “passivo”, só para lembrar) e transferirem este conhecimento diretamente para os estudos da tradução. Porém Heloísa Barbosa (1990, p.35) observa com referência ao assunto que Catford já em 1965 e baseado na teoria linguística de M.A.K. Halliday defendia categoricamente que, como a tradução opera com a língua, a análise e discussão de seus processos deveriam utilizar categorias estabelecidas para descrição das línguas, ou seja, deveriam recorrer a uma Teoria da Língua (= uma teoria linguística geral).

No segundo caso, ou seja, ao se estabelecer como nova ciência, a Ciência da Tradução, para afirmar-se como tal, segundo Klein (p.105), fundamenta-se em questões sociológicas ou até, segundo ele, em questão psicopatológica do cientista/pesquisador, recheada de motivos tanto racionais como emocionais. Essa delimitação, no caso da Ciência da Tradução, pode ser pensada em termos de praticidade organizacional ou até em termos políticos.

A tradutologia na visão de Susan Bassnet-McGuire (1991, p.37)

é uma disciplina séria que investiga o processo de tradução, tentando esclarecer a questão da equivalência e examinando o que constitui o significado dentro desse processo. A não-pretensão à normatização e a impossibilidade de categorização da dimensão pragmática da tradução não lhe confere o status de atividade secundária. Também Nida, citado por Koller (p. 156), diz que sugerir que a comunicação interlingual que acontece na tradução é, de algum modo, diferente da comunicação intralingual se constitui num julgamento falso da própria natureza do uso da linguagem.

Na verdade, traduzir de uma língua para a outra é um processo bastante complicado, mas nunca desinteressante. Como diz Klein (p.105), exatamente por isso um processo digno de pesquisas científicas. Até que ponto isso pode ser creditado à Lingüística ou ser merecedor de uma ciência autônoma depende dos problemas que envolvem esse processo e de quem melhor irá solucioná-los. Ele acha que não existe, no processo tradutório em si, nada que extrapole a pesquisa da língua ou de seu uso que justifique um estudo independente. Pensa que a Lingüística moderna, do modo como ela se desenvolveu até o momento, pode contribuir para solucionar os reais problemas da tradução. Já Koller (p.128) defende a existência de uma Ciência da Tradução por seu caráter interdisciplinar. Para ele, a tradução é ciência *sui generis*, mas que, em conteúdos ou métodos, se cruza com outras ciências ou ramos de ciência. Ele cita como componentes dessa interdisciplinaridade a Lingüística (aplicada, contrastiva/comparativa etc.), a Teoria dos Atos de Fala, a Filosofia, a Teoria Literária, a Ciência da Comunicação, a Estilística, a Teoria da Recepção etc. Já para a renomada Escola de Tradução de Leipzig (v. Koller, p.130) ela também é considerada, em sua essência, um ramo da Lingüística. Duas direções antagônicas como podemos ver. Klein (p.105) sugere que a Lingüística assuma esses problemas como sendo seus, incorporando-os como sendo componentes essenciais na sua pesquisa. Já Tobin (p. 450) constata que parece existir uma tendência dentro da Tradutologia de permanecer na retaguarda dos estudos lingüísticos, embora ambas as áreas estejam se empenhando igualmente na busca de um modelo universal

de categorias lingüísticas na língua para explicar como funciona a linguagem, e, conseqüentemente, como funciona a tradução. E o caminho até agora percorrido parece fornecer algumas ferramentas que aparentemente funcionam, mas que no fundo, de modo direto ou indireto, estão relacionadas com a teoria tradicional a nível de sentença. E a tradução, com raras excessões, extrapola quase sempre esse limite, requerendo, pois, uma outra dimensão de análise.

2. A pesquisa na tradução

Como vimos até agora, parece que os caminhos, embora semelhantes, não levam realmente a um lugar comum. O objeto da Lingüística, segundo Saussure, é a língua. O som ou o sinal gráfico são apenas produtos dessa capacidade humana de expressar um pensamento. Podemos pesquisar a língua por dois caminhos: analisando esses produtos e deduzindo como poderiam revelar algo sobre esta capacidade humana (campo da Lingüística Estrutural) ou analisando os processos de compreensão e de produção (campo da Psicolingüística e da Fonética). Porém, para Klein (p. 106), tanto o procedimento orientado para o produto, como o para o processo, possuem seus pontos fracos, embora qualquer pesquisa lingüística mais abrangente não possa abrir mão de nenhum deles.

A tradução, como já disse, é uma aplicação especial da capacidade lingüística humana. Ela é, segundo Koller (p. 148), um procedimento altamente complexo envolvendo as mais diversas condições e fatores lingüísticos, comunicativos, culturais etc. Klein (p. 106) diz que o que a torna especial é o fato de o tradutor, ao contrário do falante comum, não ter a liberdade de colocar em palavras o que ele pensa, mas sim o que ele diz é pré-determinado em forma de palavras e orações, só que em outra língua. O tradutor precisa extrair-lhes o significado. Unem-se aqui os processos de compreensão e produção, algo que não acontece na fala comum. Mas tanto a fala comum como a tradução podem ser pesquisadas com base no processo ou com base no produto.

Se pensarmos no processo da tradução, estamos diante de duas questões segundo Klein (p. 107): como entendemos o texto e como expressamos em outra língua um conteúdo pré-determinado? Nada de especial, pois as mesmas questões guiam a pesquisa nas áreas de compreensão e produção lingüística (uma exceção seria a tradução simultânea, onde os processos ocorrem simultaneamente).

Mas na tradução, normalmente, pesquisa-se o produto, ou seja, o texto traduzido e a sua relação com o texto original. Klein (p.107) diz que a diferença para a Lingüística está exatamente aqui. Enquanto na Lingüística se olha para declarações prontas para então tirar conclusões de como a linguagem funciona, na tradução, ao contrário, a base de estudo é a relação sistemática entre dois textos, que deveriam, por um lado, ser iguais e, por outro (quanto aos meios), não.

O que deve permanecer igual, como já vimos, segundo a maioria, é o significado. Para tanto vale lembrar a idéia de tradução que possui Hans Vermeer (1992, p. 42). Para ele a tradução não pode ser confinada a uma mera transferência lingüística por dois motivos: partes verbalizadas e de qualquer outro modo constituintes de significado diferem de cultura para cultura. A parte verbalizada de uma expressão sozinha é apenas uma parte da transferência e, conseqüentemente, apenas parte do significado. Tanto Klein (p.107) como Brigitte Handwerker (1988:333) discorrem sobre a dimensão desse assim chamado "significado". Pensam na tradução poética, por exemplo, onde o que deve ser mantido não pode ser considerado como fazendo parte do significado (métrica, rima etc.). Vermeer (p.42) é de outra opinião. Para ele também esses elementos podem fazer parte da significação. Por outro lado, ao incluirmos uma visão pragmática na tradução, é de se perguntar até que ponto podemos dissociá-la da significação. Resta lembrar que a discussão sobre a dimensão da significação são correntes também e igualmente nos estudos lingüísticos. Não temos, portanto, meios de precisar um conceito de significação exclusivamente para a Ciência da Tradução.

Quanto à questão da relação entre o texto original e o texto traduzido, também aqui recaímos sobre um fato pesquisado na Lingüística, ou seja, qual é a relação entre as diferentes expressões em

uma língua com aquilo que elas expressam? Klein (p. 108) faz uma interessante explanação: para que se possa esclarecer a relação entre os meios de expressão de duas línguas precisamos de um terceiro elemento (*tertium comparationis*) que viria a ser exatamente a significação a ser mantida constante. Antes que se possa estabelecer a equivalência em termos de palavra, estrutura frasal, estrutura textual etc., é necessário ter-se em mente qual é o conceito de equivalência que se deseja estabelecer (equivalência denotativa (= extra-lingüística), conotativa, textual-normativa, pragmática ou formal-estética, usando a relação feita por Koller (p. 216)).

Para Vermeer (p. 45), no entanto, na tradução este conceito de equivalência não pode ser pré-fixado como o é na análise lingüística (lingüística comparada), pois no processo de tradução não existe uma relação de um-para-um numa dada situação, para um dado texto. Para Vermeer a diferença está no fato de que a Lingüística moderna trata das línguas/linguagens existentes e da comunicação como atos consumados (para ele uma teoria “estática”, para Nida “equivalência formal”), ao passo que a tradução é um processo “prospectivo” (para Nida “equivalência dinâmica” (v. Koller, p. 156)). De qualquer modo a preocupação primordial é com a “equivalência”.

Todos os aspectos aqui levantados, como podemos ver, por si só não justificam a existência de uma “ciência” autônoma da tradução, uma ciência que extrapole, portanto, o âmbito da Lingüística. Os princípios são fundamentalmente os mesmos. O que se questiona, na verdade, é qual seria a contribuição efetiva que a Lingüística poderia proporcionar para a solução dos problemas da tradução.

3. Contribuição da Lingüística moderna para a solução dos problemas específicos da Tradução

Como vimos, duas questões básicas norteiam a tradução: o que deve permanecer constante e como esse constante é expresso nas duas línguas envolvidas no processo? Esses problemas não são exclusivos

da Tradução mas, segundo Klein (p.109), é lá que eles se manifestam de forma específica.

Por constante entendemos o significado, ou seja, os dois textos (o original e o traduzido) devem ser equivalentes. Se pensarmos, porém, que o significado (o lexical e o pragmático) até onde o conhecemos até hoje não foi ainda devidamente definido pela própria Lingüística, como podemos esperar que ela o defina para o caso específico da Tradução? É só pensar nas divergências que podemos encontrar nas teorias semânticas (a Lógica, os Atos de Fala etc.) no que diz respeito ao “significado”.

É claro que as teorias lingüísticas não foram desenvolvidas para resolver os problemas da tradução, embora se saiba que muitas tenham aplicabilidade tanto na teoria como na prática tradutória. O que essas teorias fornecem em relação ao significado não é tudo o que seria relevante sob a perspectiva da Tradução. O interesse da Ciência da Tradução não se restringe à comparação de vocabulário e gramáticas de duas línguas, mas muito mais, até que ponto a relação de palavras numa certa língua leva ao mesmo resultado da relação de palavras em outra língua. Klein (p.117) simplifica: trata-se da semântica lexical e dos resultados semânticos da sintaxe e da morfologia. Creio que seria pensar a semântica como fundamento e a gramática fluindo a partir dela.

Se a Lingüística é para fazer jus aos seus propósitos, ou seja, descrever a competência lingüística dos homens, então ela precisa dar conta também dos problemas lingüísticos que aparecem só na tradução. Sendo este um problema adicional para a Lingüística, podemos imaginar que ele seja de difícil solução. Pensando a tradução como sendo também uma competência lingüística, extrapolamos o âmbito da Lingüística no seguinte aspecto, segundo Klein (p. 121): a Lingüística deveria elucidar os princípios segundo os quais, numa dada situação, uma dada proposição é transposta lingüisticamente. É uma perspectiva totalmente diferente, embora não chegue a contradizer um procedimento lingüístico usual.

Sob esta perspectiva a competência lingüística humana em si é um tipo de capacidade de tradução, ou seja, a capacidade de traduzir

representações cognitivas, portanto, um estágio anterior que vai monitorar os estágios motores posteriores (a escrita ou a fala). Seria uma representação pré-lingüística, segundo Klein (p. 121).

A Linguística até o momento deixa a desejar na solução da questão. A Linguística não responde como os meios de expressão de duas línguas devem se comportar (uma em relação a outra) para manterem constantes o que é expresso. Segundo Klein (p. 122) isso vale tanto para o âmbito da semântica da palavra, como para a semântica da oração. A Linguística também precisa evoluir mais nas análises da estrutura comunicativa do significado, investigar como as palavras ativam conceitos experienciais, relacionar os padrões de significação de uma língua com as significações universais, de modo que seja possível, para qualquer língua dada, partir de algo intencionado conceptualmente, para algo dito efetivamente.

4. Conclusão

Com base no que foi levantado parece que pesquisar os problemas da tradução não extrapola em nada a pesquisa lingüística normal. Afinal, espera-se da Linguística, só para citar um ponto, que ela esteja em condições de descrever exata e sistematicamente o significado das palavras. Os problemas do dia-a-dia do tradutor, até os mais elementares (genuinamente lingüísticos porém!), mostram o pouco que a Linguística Moderna pode contribuir para a sua solução. Os conceitos de significado é que precisam ser esclarecidos, bem como os meios que permitem elucidá-los nas línguas em questão. Klein (p. 108) afirma categoricamente: os problemas da Ciência da Tradução são os problemas da Linguística. Não se pode dizer com isto que, para resolver os problemas da Tradução, basta verificar o que dizem os lingüistas.

Como pôde ser verificado também, fica bastante difícil justificar a existência de uma ciência autônoma como a assim chamada "Ciência da Tradução". Embora o desenvolvimento tecnológico (aqui principalmente com vistas à Inteligência Artificial e à tradução

via computador) confirmam a este campo um certo status exclusivo, através das implicações lógico-matemáticas do processo (v. Catford, (1981, p.1), em nada sua essência parece extrapolar os princípios que regem a Lingüística enquanto ciência. Vale lembrar, porém, que existe um relativo consenso de que uma máquina dificilmente irá além da decodificação lingüística no nível da *langue*, e que a mesma nunca irá interpretar ou “filosofar” e acrescentar suas experiências ou cultura. Até que ponto, no entanto, a Lingüística Moderna está apta a resolver os problemas da tradução (os seus próprios, na verdade!) é uma outra questão.

À Lingüística cabe a tarefa de responder as questões levantadas acima que se apresentam de uma maneira específica na tradução, embora não lhe sejam exclusivas: o que do que está expresso precisa ser mantido constante e como esse “constante” é expresso na outra língua através dos diferentes meios, tais como a seleção de palavra, sintaxe e estrutura textual?

A Lingüística precisa esclarecer um conceito de significação que seja útil aos propósitos da tradução. Com isso, ela não estará fazendo um favor à tradução, mas sim, jus àquilo que se propõe, ou seja, a descrever a competência lingüística humana.



Bibliografia

BARBOSA, H. G. *Procedimentos Técnicos da Tradução- Uma nova proposta*, Campinas: Pontes, 1990.

BASSNET-McGUIRE, S. *Translation Study*, London: Routledge, ed. revisada, 1991.

CATFORD, J. C. “Translation and Language Teaching”(1967), in: *Übersetzen und Fremdsprachenunterricht*, Frankfurt am Main: Diesterweg, 1981, pp.1-20.

FLUCK, H.-R. "Fachsprachen in Übersetzung und Unterricht", in: *Fachsprachen*, Tübingen: Francke Verlag, 1991, pp.134-159.

HANDWERKER, B. "Wortbedeutung und Textverstehen", in: ARNTZ, R. (org.) *Studien zu Sprache und Technik*, Hildesheim: OLMS Verlag, 1988, pp.333-347.

KLEIN, W. "Was kann sich die Übersetzungswissenschaft von der Linguistik erwarten?", in: *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*,: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992, n°84, pp.104-123.

KOLLER, W. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*, Wiesbaden: Quelle & Meyer, 4.ed., 1992.

SAUSSURE, F. de *Curso de Linguística Geral*, São Paulo: Cultrix, 1993.

TOBIN, Y. "Sign: Context: Text-Theoretical and Methodological Implications for Translation", in : ARNTZ, R. (org.) *Studien zu Sprache und Technik*, Hildesheim: OLMS Verlag, 1988, pp.449-468.

VERMEER, H. "Is translation a linguistic or a cultural process?", in: *Ilha do Desterro - Studies in Translation*, Florianópolis: Editora da UFSC, 1992, n° 28, pp.37- 49.